

## A Educação Libertária e seus Mestres

*Luiza Angélica Paschoeto Guimarães*

A educação é uma prática humana entendida de diferentes modos e significados, conforme os objetivos e funções que a sociedade lhe atribui ao longo do tempo. No movimento libertário, podem ser percebidas duas fases distintas no tocante à História da Educação: a primeira fase, que tem início em Proudhon, por volta dos anos de 1840; e a segunda, que começa com uma iniciativa de âmbito internacional, em 1882, com o “Programa Educacional” elaborado por “um grupo de militantes reunidos no “Comitê para o ensino anarquista”, ligado à Internacional.

Na primeira fase, o que predominou em termos educacionais foi o pensamento de Proudhon e de Bakunin sobre a educação integral, e a união entre a educação, a emancipação social e o trabalho, baseada no princípio autogestionário. Na segunda, por um lado, viu-se a prevalência da concepção de educação integral e racionalista de Paul Robin, de Sébastien Faure e de Francisco Ferrer y Guardia, materializadas, respectivamente, no “Orfanato de Prévost”, em “La Ruche” e na “Escuela Moderna”; por outro lado, a concretização das ideias de Proudhon e Bakunin na atividade desenvolvida pelas Bolsas de Trabalho francesas, colocadas em prática na “escola do sindicato” de Fernand Pelloutier, na última década do século XIX.

Proudhon defende uma educação que congregue a formação intelectual e a formação profissional, pois os trabalhadores precisam de ambas, tendo em vista que a integralidade dessas duas modalidades de ensino promove a emancipação social do indivíduo e garante sua realização pessoal. Por consequência, a instrução precisa envolver aprendizagem literária, científica e industrial (manual), por meio de um ensino que vai tirar o indivíduo da condição servil que faz dele um escravo.

Para Proudhon, a educação é um processo amplo, que reúne liberdade, autonomia, aprendizagem intelectual, moral e prática. Para ele, o “homem é uma

força dominada pela inteligência”, mas que precisa realizar a “sua felicidade exercendo-a entre os seus semelhantes” (CODELLO, 2007, p. 103). Sua inteligência é capaz de produzir conhecimentos, mas sua natureza exige uma experiência que somente a prática real é capaz de oferecer. Daí decorre a necessidade de integração entre a teoria e a prática, entre a aprendizagem intelectual e a aprendizagem profissional, entre a oficina e a escola.

Coube a Bakunin dar continuidade às discussões iniciadas antes da morte de Proudhon, no tocante às questões envolvendo a classe operária e o movimento anarquista, inclusive sobre as demandas de educação. Ao adotar a ideia de instrução integral de Proudhon, Bakunin converte-a em um acontecimento da vida social que implica na leitura e reflexão crítica da realidade, representando o total abandono da educação abstrata e sistemática baseada na educação religiosa e Estatal de sua época. Além disso, entende a educação integral como meio de libertação do homem, porque a liberdade é o motor da vida humana.

No ano de 1869, Bakunin publicou diversos artigos no jornal *L'Égalité*, entre os quais se destacou a série denominada de “A Instrução Integral”, publicada em quatro partes nas edições de 31 de julho (n. 28), 7 de agosto (n. 29), 14 de agosto (n. 30) e 21 de agosto (n. 31). Esses artigos reunidos em livro foram publicados no Brasil, no ano de 1979 sob o título de *O Socialismo Libertário*. Na série, Bakunin faz questionamentos sobre a dualidade do sistema educacional e denuncia a supremacia daqueles que sabem mais sobre os que sabem pouco.

Poderá a emancipação das massas operárias ser completa, enquanto a instrução que as massas recebem for inferior àquela que é dada aos burgueses, ou enquanto houver uma classe qualquer em geral, numerosa ou não, mas que, pelo seu nascimento, seja chamada aos privilégios de uma educação superior e de uma instrução mais completa? [...] Não será evidente que entre dois homens, dotados de uma inteligência natural aproximadamente igual, aquele que souber mais, cujo espírito estiver aberto para a ciência, e que, tendo compreendido melhor o encadeamento dos fatos naturais e sociais, ou aquilo a que se chama leis da natureza e da sociedade e, se aperceberá mais fácil e globalmente do caráter do meio em que vive, - que este se sentirá, digamos, mais livre, que será praticamente mais hábil e mais poderoso do que o outro? (BAKUNIN, 1979, p. 32)

Para Bakunin, a falta de educação e de instrução é o que separa a minoria burguesa e maioria trabalhadora, por isso passa a reivindicar uma educação que favoreça não apenas o burguês, mas que traga a possibilidade de a classe trabalhadora adquirir o conhecimento científico, pois os trabalhadores não podem mais continuar a receber um conhecimento mínimo, que em nada melhora sua condição de vida política e social. E proclama: “Membros da Associação Internacional dos Trabalhadores, nós queremos a Igualdade, e, porque a queremos, devemos querer também a instrução integral, igual para toda a gente”. Bakunin declara, também, que todos devem trabalhar e receber a instrução, independente da função que irá exercer na sociedade.

A educação integral no entender de Bakunin precisa envolver todos os homens e mulheres e deve ser oferecida desde a infância, para que não haja mais distinção, nem espiritual, nem sexual, nem pelo trabalho, nem pela ciência, “a fim de que todos possam se tornar pessoas completas” (BAKUNIN, 1979, p. 43). Uma educação que ofereça um ensino científico ou teórico, mas também um ensino industrial ou prático, para, desse modo, fazer dos homens trabalhadores completos, que compreendem; que sabem; e que são livres.

A nova geração de anarquistas nascidos no interior da Internacional não se limitou a questionar a educação oferecida pelo Estado e pelas instituições de caráter religioso, mas também buscou materializar as ideias educacionais decorrentes do pensamento libertário dos anarquistas clássicos.

Proudhon e Bakunin, dois teóricos igualmente revolucionários (cada um a seu modo) lutaram pelos mesmos ideais libertários, mas não possuíam os meios necessários à concretização de suas ideias educacionais. Entretanto, tiveram sucesso ao estabelecer as bases da “nova” ideologia nascente.

Robin e Ferrer formularam sistematicamente os pressupostos da educação libertária, estabelecendo propostas educacionais inspiradas no “Programa Educacional do Comitê para o ensino anarquista”, de 1882. De acordo com Luizetto, os anarquistas dessa fase desafiaram os métodos da educação oficial e dogmática quando criaram os Centros de Estudos, as Escolas Livres, as Escolas Modernas ou Escolas Racionalistas e as Universidades Populares ou Livres. O

autor assinala que personagens como Kropotkin, Elisée Reclus, Louise Michel, Jean Grave e Carlo Malato eram integrantes do Comitê quando se reuniram para “definir as normas básicas que deveriam orientar as atividades do movimento no campo do ensino”. Destaca que o educador Paul Robin, “nessa época, já inteiramente identificado com o anarquismo, certamente participou da elaboração do documento” (LUIZZETTO, 1987, p. 52).

Tomando por base as ideias de Bakunin, Robin detalhou uma concepção pedagógica sistematizada de educação anarquista, baseada nos fundamentos da instrução integral. Para Robin, a instrução integral deve estar organizada com o objetivo de oferecer um ensino que envolva o físico, o intelectual e o moral, tendo em vista que pretende uma educação universal e racionalista, mas também manual. Durante quatorze anos Robin dirigiu o Orfanato de Prévost, em Cempuis (1880-1894), e foi nesse período que colocou em prática as suas ideias sobre educação integral.

Segundo Floresta, como pedagogo, Robin destacou-se em decorrência de seus métodos e procedimentos de ensino e por defender a coeducação sexual. Além disso, procurava promover a convivência harmoniosa entre os participantes de seu grupo de trabalho, assim como valorizava o respeito à individualidade e ao desenvolvimento infantil. Para ele, a curiosidade era o elemento fundamental para que os estudantes buscassem o conhecimento, por isso “dedicou-se a inventar e aperfeiçoar materiais pedagógicos com claro objetivo de despertar a curiosidade das crianças, levando-as a buscar o conhecimento por si mesmas” (FLORESTA, 2007, p. 122). Observe-se que a expressão “buscar o conhecimento de si mesma”, citada pela autora, é pré-requisito fundamental para a emancipação humana. Além disso, também está presente nas inferências de Fernand Pelloutier. A proposta de educação integral de Robin foi apresentada no Congresso Internacional dos Trabalhadores de Bruxelas (1868) e continha um programa contendo os princípios da educação libertária.

Posteriormente, Sébastien Faure deu continuidade à obra de Robin, aplicando seu método positivo, quando fundou a escola “La Ruche” (A Colmeia),

em uma fazenda de 25 hectares, em Rambouillet, nos arredores de Paris, em 1904. Mas essa escola durou apenas até 1917, quando foi fechada durante a Primeira Guerra Mundial. Em La Ruche, Faure “consolidou a realização do desejo da vida livre e experimentada de maneira autogestionária”. Além disso, “[...] era uma associação de interessados em educação anarquista e formação integral, voltada para um número pequeno de crianças, cerca de trinta, a partir de seis anos de idade, como na escola de Robin” (PASSETTI; AUGUSTO, 2008, p. 43).

Além de Robin e Faure, o trabalho realizado por Francisco Ferrer y Guardia marcou fortemente o movimento libertário e anarquista, principalmente a partir de 1901, quando foi criada a primeira “Escuela Moderna de Barcelona”, baseada em princípios racionalista e anticlerical, segundo a proposta de educação integral de Robin. “Atento à formação da criança livre, aproximou-se da Geografia proposta por Piotr Kropotkin e por Elisée Reclus, de quem chegou a solicitar orientação libertária para o ensino dessa matéria” (PASSETTI; AUGUSTO, 2008, p. 43).

Ferrer y Guardia foi um renovador da escola, depois de constatar, como no passado Godwin e Proudhon, que ela se transformava em agente modelador de crianças e jovens por meio do ensino nacional. Notou que o Estado livrava a maioria do povo da condição de ignorância, ao mesmo tempo em que o integrava na vida burguesa. A “Escuela Moderna” era parte do que chamava de plano conjunto de uma educação racional (disseminação dessas escolas novas), capaz de formar uma criança livre e feliz, renovando-se constantemente e temida por uma sociedade centralizadora e autoritária. (PASSETTI; AUGUSTO, 2008, p. 44)

O ensino racionalista constituiu o ponto central do currículo e do método na Escola Moderna de Ferrer, uma vez que se pretendia ensinar a ciência por meio de experimentação. Também a liberdade é fator primordial, na medida em que cabe à própria criança realizar suas descobertas e elaborar por si mesma as ideias sobre o conhecimento. Daí decorre, portanto, a ênfase no trabalho científico.

Na Escola Moderna, o ensino se desenvolvia em diversas atividades que possibilitassem a experimentação da criança para que pudesse vivenciar as experiências, tais como: visitas às fábricas e a museus; e debates entre professores

e alunos. Para Ferrer, a educação racionalista deveria abandonar todas as formas opressivas que representavam as escolas de tradição religiosa ou de ensino oficial, tais como: os exames, os concursos e as classificações. Essas medidas serviam apenas para provocar rivalidades e desigualdades entre os alunos.

A entrada de Fernand Pelloutier na Federação das Bolsas de Trabalho como Secretário, na França, em 1895, abriu novas perspectivas de educação para as classes trabalhadoras. O sindicalista Fernand Pelloutier (1867-1901) acreditava que os trabalhadores pudessem se tornar intelectuais à medida que recebessem a instrução. E foi por esse motivo que defendeu a educação integral.

Esse revolucionário, seguidor das ideias de Proudhon e de Bakunin, lutou contra todos os tipos de opressão, “estadista, política, econômica, cultural e... individual”, para livrar o trabalhador de sua condição de oprimido. Para tanto, usou como armas a educação, o conhecimento e o saber. “No dia em que o povo levantar-se, ele terá com o ferro, com o fogo, essa arma mais segura do que todas as outras: a força moral devida à cultura da inteligência” (PELLOUTIER apud CHAMBAT, 2006, p. 18). Para ele, não há revolução sem educação.

Segundo Chambat, os escritos deixados por Pelloutier sobre educação são poucos, e em sua obra *L'Histoire des Bourses du Travail* há apenas dois artigos sobre esse tema, entre os 225 assinalados na bibliografia organizada por J. Julliard. Apesar disso, a reflexão pedagógica permeia o conjunto da obra do autor com as questões sobre educação, a exemplo do que ele escreve na introdução de seu texto *O ensino em sociedade libertária*: “A questão do ensino é incontestavelmente a mais importante, pois só dela depende toda a vida social” (PELLOUTIER apud CHAMBAT, 2006, p. 19).

Assim, ao deixar que a questão educacional transite por toda a sua obra, Pelloutier demonstra o lugar que o ensino ocupa no trabalho revolucionário do sindicalismo. Educação e sindicato são indissociáveis, por esse motivo Chambat assinala que seus escritos estão sempre abordando o sindicalismo sobre duas perspectivas: a primeira refere-se à transformação social que traz “o confronto cotidiano com o real pela melhoria imediata do destino dos trabalhadores”; a segunda menciona a perspectiva pedagógica que é “a prática coletiva como valor

exemplar na longa caminhada rumo à autoemancipação dos explorados” (CHAMBAT, 2006, p. 19). Para Pelloutier, a educação deve estar a serviço da revolução, pois é por meio dela que o trabalhador conquistará sua merecida posição na sociedade. Entretanto, é necessário refletir sobre qual educação se fala e em que bases essa educação está fundamentada.

É preciso considerar, certamente, que no interior do sindicalismo revolucionário a educação não serve apenas para escolarizar as massas, mas também oferecer a força necessária para a luta contra o Estado e seu poder de dominação. Além disso, cuida para que o trabalhador sinta o gosto pelo conhecimento e pelo saber para, desse modo, possa ele mesmo cuidar de sua formação cultural, sem perder de vista a cultura de todos. “A educação é um instrumento de tomada de consciência e um garantidor a fim de tornar viável uma sociedade de homens orgulhosos e livres” (LENOIR, 2007, p. 29). Assim, os sindicatos pretendem a elaboração de uma instrução autônoma, organizada pelos próprios trabalhadores. Para que essa nova escola se estabeleça, é necessário condenar a escola do Estado, assim como é precípua que se compreenda a profundidade e o caráter revolucionário desse projeto educativo.

Assim, Pelloutier idealizou uma escola que iria emancipar o trabalhador individual e coletivamente, para que ele fosse capaz de cuidar da “cultura de si” e ao mesmo tempo tomar “ciência de sua infelicidade” para obter a “instrução”, tendo em vista que, para ele, “toda prática individual ou coletiva, todo esforço para apropriar-se e transformar o real, trazem neles uma dimensão educativa” (CHAMBAT, 2006, p. 35). Por conseguinte, para Pelloutier, acreditar que a educação deve estar sempre associada à pedagogia e à escola é um erro, pois, antes, é preciso entendê-la como parte da vida humana, e como tal está em toda parte, inclusive no sindicato. E quando esse revolucionário define sindicalismo ele está dizendo: “auto-organização dos trabalhadores; cooperação; educação” (J. JULLIARD apud CHAMBAT, 2006, p. 35).

Para os autores libertários, a educação será aquela que garantirá as transformações causadas pela realização da Revolução Social, dado que ela faz

com que o trabalhador militante exercite suas aprendizagens teóricas e práticas não só no campo pessoal e profissional, mas também no campo político.

## Referências

BAKUNIN, Mikhail. A instrução integral. In: **O Socialismo Libertário**. São Paulo: Global, p.32-52, 1979. (Coleção bases, nº22)

CHAMBAT, Grégory. **Instruir para revoltar**: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma Pedagogia de Ação Direta. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2006.

CODELLO, Francesco. **A Boa Educação**: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill. São Paulo: Icone; Imaginário, 2007.

FLORESTA, Leila. Um projeto de Educação Integral: a experiência de Paul Robin em "Cempius". **Revista Olhares e Trilhas**. Ano VIII, n. 8, p.121-134, 2007.

LENOIR, Hugues. **Educar para emancipar**. Organização e Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário; Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LUIZZETTO, Flávio. **Utopias Anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PASSETTI, Edson; AUGUSTO, Acácio. **Anarquismo e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.